

18

E — Cap. XVII — Item 3
L — Questão 642

Temas estudados:

Danos indiretos
Culpas imanifestas
Responsabilidade
Ofensas dúplices
Direito individual
Dever e direito

Golpes duplos

Ostensivamente, não teremos prejudicado a qualquer pessoa.

Do ponto de vista do acatamento à segurança geral carregamos a alma tranqüila.

Quantos de nós, porém, estaremos livres de remorso pelos danos indiretos que tenhamos causado?

Não subtraímos dinheiro à bolsa do próximo; entretanto, se caímos inadvertidamente em pessimismo, comunicando desânimo aos companheiros, afastamo-los de oportunidades preciosas, no terreno de vantagens corretas, com as quais talvez minorassem muitas das grandes necessidades que nos rodeiam.

Não preterimos o direito de nossos irmãos nas

atividades profissionais a que se afeiçoam, mas se nos prendemos com apego indébito e enfermigo a algum ou a alguns deles, desencorajando-lhes qualquer impulso à renovação, acabamos por impedir-lhes o acesso a encargos superiores, nos quais teriam efetuado maior prestação de serviço em apoio da Humanidade.

Não roubamos a alegria dos semelhantes; todavia, se entramos em desespero, sempre injustificável, instilamos desalento e amargura naqueles que mais amamos, aniquilando-lhes a coragem.

Não traímos a ordem, mas toda vez que desertamos, sem claro motivo, do dever que nos cabe, estragamos a confiança naqueles que nos procuram ação ou cooperação, frustrando, de algum modo, a harmonia de que carecem na sustentação da própria tranqüilidade.

Ninguém é trazido a viver, sentir, imaginar e raciocinar para ocultar-se.

Cada um de nós permanece no lugar exato, a fim de realizar o melhor que pode.

Efetivamente, somos responsáveis pelo mal que praticamos e pelo bem que deixamos de fazer, sempre que dispomos de recursos para fazê-lo. E ao lado das culpas que trazemos por ofensas declaradas ou por omissões em serviço, temos ainda as que nascem dos golpes duplos que desferimos, sobre os quais raramente meditamos: — aqueles do mal que causamos aos outros, depois de causá-lo a nós.



Use seus direitos

Realmente, você dispõe do direito —
de amealhar, em seu benefício, os frutos da
experiência;

de guardar em silêncio a lição que lhe cabe
em cada circunstância;

de reprimir os próprios gastos para atender
ao culto do amor ao próximo;

de acumular os valores morais do caminho por
onde passa;

de aperfeiçoar primeiramente o seu coração,
antes de intentar o burilamento de outras almas;

de socorrer as vidas menos felizes que a sua
própria;

de agasalhar indistintamente os desnudos do
corpo e da alma;

de espalhar a sua influência na preservação
da paz e da alegria;

de mostrar diretrizes superiores ao irmão de
luta, colocando-se, antes de tudo, dentro delas;

de libertar-se dos preconceitos injustos sem
alarmar as mentes alheias;

e de convocar aqueles, com quem convive, ao
campo do trabalho edificante, sem exigir nem gri-
tar, mas sim com a mensagem silenciosa de seu
exemplo na sustentação do bem, com a certeza de
que o dever respeitado e cumprido é o caminho
justo para o direito de crescer com Jesus no ser-
viço da felicidade geral.

19

E — Cap. XV — Item 6
L — Questão 879

Temas estudados:

Caridade e aprendizado
Caridade e retribuição
Caridade e destino
Verdadeira posse
Vizinhança
O próximo e nós

Nas sendas do mundo

Deus, que nos auxilia sempre, permite-nos pos-
suir para que aprendamos também a auxiliar.

* * *

Habitualmente, atraímos a riqueza e supomos
detê-la para sempre, adornando-nos com as faci-
lidades que o ouro proporciona... Um dia, porém,
nas fronteiras da morte, somos despojados de to-
das as posses exteriores, e, se algo nos fica, será
simplesmente a plantação das migalhas de amor
que houvermos distribuído, creditadas em nosso
nome pela alegria, ainda mesmo precária e momen-
tânea, daqueles que nos fizeram a bondade de re-
cebê-las.